

## **TELEVISÃO E EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA**

Eduardo Amando de Barros Filho\*

### **RESUMO**

O surgimento da televisão na América Latina ocorreu entre as décadas de 1950 e 1960. Independente do modelo televisivo hegemônico em cada país, a função social da televisão e seu papel educativo sempre foram discutidos. Durante o desenvolvimento da televisão, a América Latina passava por um momento de aumento populacional e de sérios problemas relativos a educação, com elevados índices de analfabetismo. Diante desse quadro, a televisão apresentava-se como uma opção de grande potencial para estimular e desenvolver social e culturalmente os cidadãos latino-americanos. Portanto, este texto tem como objetivo analisar historicamente como a educação pela televisão se apresentou na América Latina, fazendo, na medida do possível, um contraponto com países europeus e com os Estados Unidos. Pois, na América Latina, a educação pela televisão se apresentou como um elemento de expansão da rede escolar, multiplicadora das oportunidades de aprendizado e veículo de formação social.

**PALAVRAS-CHAVE:** América Latina. Televisão. Educação.

O surgimento da televisão na América Latina ocorreu entre as décadas de 1950 e 1960. Independente do modelo televisivo hegemônico em cada país, a função social da televisão e seu papel educativo sempre foram discutidos. Para muitos, a televisão seria possuidora de um significativo potencial educativo, aparentemente maior que o do rádio e do cinema. Com relação ao primeiro, a vantagem estaria nas imagens. Com relação ao segundo, residiria no fato de os televisores se encontrarem nos lares dos cidadãos.

Quando a televisão na América Latina estava sendo concebida, os modelos televisivos em atividade eram o comercial norte-americano, o público da Europa Ocidental e o de governo da URSS. Os modelos televisivos, norte-americano e europeu, foram marcados por diferenças significativas nas primeiras décadas de suas existências. Apesar de Inglaterra, Alemanha, França e Estados Unidos estarem à frente na criação dos primeiros modelos televisivos de transmissão durante o entre guerras, a intensificação das emissões televisivas e o estabelecimento de modelos de TV se deram a partir do segundo pós-guerra, momento em que a televisão passava a se infiltrar nos lares, consequência do aumento de sua atratividade e de

---

\* Doutorando em História pela Faculdade de Ciências e Letras - FCL - UNESP/Assis. Bolsista Capes.

seu desenvolvimento técnico. Após 1945, os Estados Unidos tomaram a dianteira, pois saíram menos enfraquecidos da guerra, seguidos de Inglaterra, Alemanha e França.

Nos Estados Unidos o setor era caracterizado pelos canais serem propriedades do governo e operados pela iniciativa privada sob o regime de concessão, como acontecera anteriormente com o setor radiofônico. A primeira emissora televisiva comercial do mundo a entrar em operação foi a norte-americana *Nacional Broadcasting Company* (NBC), então subsidiária da RCA-Victor, com transmissões regulares desde abril de 1939. A principal característica da televisão estadunidense era a grande influência da indústria da propaganda, fazendo com que as emissoras buscassem grandes audiências de potenciais consumidores, atraindo verbas do mercado publicitário. A programação das emissoras norte-americanas priorizavam o entretenimento e notícias, tendo um papel cultural bastante limitado e mantendo-se afastada dos meios universitários e intelectuais.

O contrário aconteceu na Europa, onde o modelo público e “pedagógico-elitista” ou “popular-ambicioso” fora proposto desde o início da televisão e marcou o desenvolvimento do meio, sobremaneira na Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália e Países Baixos. A Grã-Bretanha inicia suas transmissões com a *British Broadcasting Corporation* (BBC) em 2 de novembro de 1936. A BBC se tornaria o a televisão pública mais conhecida no mundo e considerada como a de mais elevado nível de qualidade. Mas que sua tradição, a rede se tornou um fenômeno de audiência no Reino Unido. Como corporação pública, ela teria como objetivo produzir programas que, ao mesmo tempo, entretinham, eduquem e informem, além da diretriz de que suas produções sejam livres de interesses comerciais e de tendências políticas. Sua autonomia, em grande parte, é favorecida pela forma de arrecadação e de gerenciamento público, com participação consistente de setores sociais envolvidos ou ocupados com a comunicação social. A BBC é financiada por uma taxa anual cobrada por residência com televisor, além de outras fontes de renda, como a venda de suas produções. (JEANNENEY, 1996, 221-49).

Na Alemanha Ocidental a organização da radiodifusão teve como principais referências a BBC, com relação a princípios e missão do serviço público, e o sistema de mídia dos Estados Unidos, no que tange a distribuição descentralizada e federativa. O sistema de radiodifusão alemão foi direcionado pelos “aliados”, notadamente Estados Unidos e Inglaterra, pois o país

estava em reconstrução após a Segunda Guerra Mundial. Centrado no princípio de independência perante o governo e distribuição regional, foram criadas duas corporações que serviram de base para o desenvolvimento do sistema televisivo alemão, a *Arbeitsgemeinschaft der öffentlich-rechtlichen Rundfunkanstalten der Bundesrepublik Deutschland* (ARD) e *Zweites Deutsches Fernsehen* (ZDF). Estas instituições são independentes entre si, sendo a primeira ligada aos governos estaduais e a segunda ao federal. Entretanto, elas desenvolveram uma série de atividades conjuntas, incluindo operação de emissoras e produção de programas. O sistema televisivo alemão era financiado através da cobrança de uma taxa paga pelos cidadãos e de veiculação de anúncios publicitários desde que respeitando as restrições legais (VALENTE, 2009, p. 47-62). A originalidade estrutural da televisão alemã foi sua constituição “de baixo pra cima” a partir de emissoras regionais (JEANNENEY, 1996, p. 249).

Na França, a televisão desenvolveu-se em um ritmo mais lento que a britânica e a alemã, no pós-Guerras. O Estado francês estendeu para a televisão o monopólio e o rígido controle que detinha sobre a radiodifusão com a *Radiodiffusion Française* (RDF), que, a partir de 1949, passou a chamar *Radiodiffusion-Télévision Française* (RTF) e posteriormente *Office de Radiodiffusion-Télévision Française* (ORTF) (VALENTE, 2009, p. 157-71).

Em outros países da Europa o modelo televisivo público também foi adotado, assim como no Japão, Austrália e Canadá, entretanto com um maior atraso na implantação do setor televisivo quando comparado aos casos europeus citados e também aos dos EUA, México e Brasil. Nos Países Baixos as emissões regulares começaram em 1951, na Itália e Canadá em 1952, na Bélgica, Dinamarca e Japão em 1953, na Áustria e Luxemburgo em 1955, na Austrália em 1956, na Suécia, Finlândia e antiga Iugoslávia em 1958, e na Noruega em 1960. Nos países do leste europeu, então sob influência política da antiga URSS, o desenvolvimento do setor televisivo foi ligeiramente mais rápido, mas as informações veiculadas eram controladas de muito perto pelos regimes socialistas. Aparentemente, nesses países se estabeleceu um modelo de televisão de governo. Assim, Moscou inicia suas emissões televisivas a partir de 1948, a antiga Leningrado em 1950 e Kiev em 1952.

A América Latina acreditou ser herdeira do modelo comercial estadunidense ou do público da Europa Ocidental. Entretanto, em muitos países latino-americanos predominou um modelo de televisão de governo, ainda que, em alguns casos, por alguns períodos. Na maioria

dos países da América Latina existiram, e ainda existem, emissoras chamadas públicas apenas pelo fato de não pertencerem a iniciativa privada. O surgimento da televisão latino-americana ocorreu em um período, entre as décadas de 1950 e 1960, no qual a maior parte dos países estava sobre regimes autoritários: Batista em Cuba, Perón na Argentina, Pérez Jiménez na Venezuela, Rojas Pinilla na Colômbia, Ódria no Peru, Stroessner no Paraguai e Ovando Candía na Bolívia (CIFUENTES, 2002, p. 133). Sendo assim, grande parte dos países da América Latina inicia suas transmissões televisivas com um modelo de governo.

Exceções a essa regra apresentaram-se no México, Brasil, Uruguai e Chile, sendo os três primeiros alinhados ao modelo comercial norte-americano. No dia 31 de agosto de 1950, dias antes da TV Tupi de São Paulo entrar no ar, foram ao ar as imagens do Canal 4 XHDF-TV, primeira emissora do México e da América Latina, cuja concessão foi outorgada a Rómulo O’Farril Filho e funcionando sob a denominação Televisão do México. O desenvolvimento da televisão brasileira e mexicana foi muito parecido, entretanto, lá, o governo federal permitiu a formação de um monopólio privado. Em 1955, foi instituído o *Telesistema Mexicano*, com a fusão dos canais em operação até aquele ano, 2, 4 e 5, e que haviam sido concedidos a diferentes empresários já atuantes no campo da comunicação social. Em 1968, iniciaram-se as transmissões do Canal 8, *Television Independente de México*, pertencente ao grupo Visa (*Valores Industriales*). Da fusão entre o *Telesistema Mexicano* e a *Television Independente de México* surgiu a Televisa, um dos maiores conglomerados televisivos até os dias de hoje (ELENES, 2000, p. 147-61). Apesar da hegemonia do modelo comercial, a televisão mexicana desenvolveu-se estreitamente ligada aos interesses do governo unipartidário, inclusive convivendo com denúncias sobre suas ambições e a conivência com o Estado em possíveis atuações ilícitas (DORELLA, 2012, p. 186).

A televisão no Uruguai teve um desenvolvimento mais modesto quando comparado a mexicana e a brasileira. O início das transmissões televisivas uruguaias é originário da iniciativa privada, tendo suas primeiras transmissões permanentes em 1957, com a TV Saeta, canal 10, pertencente ao grupo Fontaina de Defeo (AMAYA; CALCAGNO, 2000, p. 177-8). O caso chileno pode ser considerado como exceção da exceção dos países latino-americanos, pois a implantação da televisão no Chile não se deveu essencialmente ao capital privado e nem propriamente ao governo federal, mas, sim, da experimentação técnica das universidades,

ficando durante anos confiada a elas (ZOLEZZY; CASTELÓN; ARAOS, 2000, p. 119-20). Portanto, a televisão chilena se estabelece através de um modelo público.

A consequência imediata da opção por um modelo não comercial, não voltado para a conquista de telespectadores visando verbas publicitárias, seria um equilíbrio um pouco maior nas programações televisivas entre informação, educação e entretenimento, elementos que Asa Briggs e Peter Burke denominam como uma tríade quase que sagrada para os meios de comunicação social (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 193).

Com o lugar que a televisão foi ocupando na vida cotidiana e suas possibilidades de influência sobre os cidadãos, setores da sociedade norte-americana e europeia passaram a discutir mais firmemente e dirigir a atenção para os riscos da informação única, expediente que se estendeu pela América Latina. Percebeu-se, assim, a necessidade de alargar o conjunto das emissões televisivas. Essa demanda reascendeu o debate sobre a problemática dos dois modelos televisivos, o público e o privado, e deu margem para a coexistência dos dois, que poderia ser marcada pelo equilíbrio e pelas riquezas da diversidade.

Na Grã-Bretanha houve pressão de setores sociais como da Igreja anglicana, além de empresários e políticos, para que o monopólio da BBC fosse quebrado. Em 22 de setembro de 1955 nasceu a Independent Television (ITV), comandada por uma autoridade independente pública, a Independent Television Authority (ITA). A ITV era responsável por transmitir e supervisionar a programação. A produção dos programas eram feitas por empresas concessionárias que pagavam um aluguel pelo espaço na transmissão e tinham direito de vender publicidade. Portanto, não foi constituído um sistema comercial puro na Grã-Bretanha, pois não haviam emissoras comerciais. Tratou-se da constituição de um sistema de televisão comercial controlado. As empresas concessionárias que compunham a ITV não detinham o comando sobre o sistema de transmissão, que era realizado pela corporação pública ITA. O duopólio formado pela BBC e ITV permaneceu por trinta anos, até a década de 1980, com as transmissões por cabo. Muitos analistas da década de 1960 consideraram que a qualidade da televisão britânica cresceu com a concorrência criada para a BBC na década anterior (LEAL FILHO, 1997, p. 48-85).

Entretanto, na maior parte dos países europeus o modelo exclusivamente público ou de governo prevaleceria, apesar de, como no caso britânico, sofrerem pressões de setores sociais.

O setor empresarial queria se valer do meio televisivo para expor ainda mais seus produtos. Alguns grupos objetivavam o fim da informação dada por apenas um emissor. Vários empreendedores, notadamente já atuantes no setor de comunicação social, almejavam ter suas emissoras televisivas. Contudo, somente ao longo da década de 1980 começam a se concretizar algumas alternativas no setor televisivo europeu. Na França, em 1982, foi promulgada a lei que permitiu a concessão de canais para pessoas e empresas privadas, assim como a privatização das emissoras existentes (VALENTE, 2009, p. 158). Dois anos depois, a Alemanha possibilitou a utilização de seu espaço eletromagnético pela iniciativa privada, expediente adotado por outros países posteriormente, como Portugal e Espanha (VALENTE, 2009, p. 48).

Nos Estados Unidos, diante da carência cultural e educativa imposta pelo modelo comercial televisivo adotado, foi aprovado, em 1967, o *Public Broadcasting Act*, que previa a instituição de uma rede de televisão pública. Em 1969, foi criada a *Corporation for Public Broadcasting*, destinada a repartir as verbas públicas destinadas a subsidiar a rede e planificar o desenvolvimento do projeto. Em 1979, foi fundada a PBS (*Public Broadcasting Service*), com objetivo de organizar em rede as emissoras públicas, que, com o apoio do governo federal e de mecenas como a Fundação Ford, foram surgindo naquele país. Entretanto, os resultados alcançados por essa rede de televisão se revelaram frágeis e restritos. Mesmo assim, em termos de conteúdo, a PBS se prestou de forma eficiente ao papel educativo, sobretudo diversificando a oferta de programas infanto-juvenis, muitos dos quais premiados e exibidos internacionalmente, como o *Sesame Street* (JEANNENEY, 1996, p. 243-6).

No Canadá o monopólio público durou apenas um ano. Em 1953, seu governo federal concede às empresas privadas o direito de operação de canais de televisão. Com amplo potencial de investimento, as emissoras comerciais não tardariam em obter maiores índices de audiência, inclusive através da compra de programas estadunidenses (SILVA, 2009, p. 86).

Na América Latina, nos países que iniciariam com um modelo de televisão de governo, ao longo do tempo conviveram com outros modelos e com o duplo setor, como Argentina, Bolívia e Colômbia. A história da televisão argentina é entrecortada por vaivéns políticos que refletem em seus modelos televisivos e em alguns momentos permitem a existência do duplo setor. A primeira emissora de TV da Argentina era de posse do Estado. Dois anos depois, em 1953, uma nova legislação permitiria a coexistência de emissoras estatais e privadas, mas

manteve um grande poder de intervenção por parte do governo no sistema televisivo. No final da década de 1950, com algumas alterações legais é possível a prosperidade de canais televisivos privados. Entretanto, durante a terceira presidência de Juan Domingo Perón, iniciada em 1973, as concessões privadas não foram renovadas e o modelo televisivo de governo voltaria a ser preponderante, com a exceção do Canal 9. O modelo comercial argentino, hegemônico nos dias de hoje, iria se consolidar somente a partir da presidência de Carlos Menem, no final da década de 1980 (BACCIN, 2000, p. 27-31).

Na Colômbia, segundo a definição de Rincon, a televisão é “filha de militar, nasceu querendo ser cultural e terminou vendida a quem pagava melhor”. A primeira emissora, vinculada ao governo entrou no ar em 1954. Em 1965, foi inaugurado o *Canal Dos* com “tendência comercial”. Cinco anos depois, estreou o *Canal Três*, de “interesse público”. Mas a partir de 1998 a televisão comercial passaria a ser a preponderante (RINCON, 2000, p. 81-115). Já a televisão boliviana teve um desenvolvimento bem mais tardio, começando de 1969, com o Canal 7, da Empresa Nacional de Televisão. A televisão estatal imperou solitária até o início da década de 1980, quando surgiram as primeiras emissoras privadas (VILLANUEVA; MILLER; 2000, p. 41-3).

Os países latino-americanos em que a televisão se estabeleceu com base no modelo televisivo estadunidense não tardariam em apresentar alternativas as emissoras comerciais, ainda que complementares, não propriamente concorrentes, como no México e Uruguai. No primeiro, apesar da hegemonia do modelo televisivo comercial, ancorado em um monopólio privado que resultou na Televisa, em 1959, iniciara as transmissões, na Cidade do México, do XEIP-Canal 11, pertencente ao Instituto Politécnico Nacional (instituição pública de ensino superior), e considerada a primeira emissora pública da América Latina. Em 1972, o governo mexicano comprou sua primeira emissora de televisão, a XFDF-Canal 13, da capital federal, que era fruto de uma concessão para iniciativa privada e que havia iniciado suas transmissões quatro anos antes. Logo após sua compra, a emissora recebeu ambiciosos investimentos oficiais que proporcionaram uma moderna infraestrutura de emissão e produção, resultando na ampliação de sua cobertura e uma maior qualidade técnica dos seus programas. Segundo o governo mexicano sua finalidade era atuar como uma “Televisión Cultural de México” (slogan do canal), aparentemente trazendo uma alternativa a programação televisiva da Televisa. O

Canal 13, a partir de 1985, integraria o *Imevisión* (Instituto Mexicano de La Television), que na década seguinte seria vendido para a iniciativa privada. Portanto, desde sua primeira década, o modelo comercial mexicano conviveu com alternativas, ainda que limitadas com relação a audiência e rendimentos, mas que buscavam dar um equilíbrio ao sistema televisivo, ofertando uma programação “cultural” (ESPINO, 1979, p. 1468).

No Uruguai, apesar de a televisão caminhar em passos mais lentos com relação a inovações tecnológicas e audiência, notadamente quando comparada aos casos brasileiro e mexicano, a partir de 1963, foi ao ar o primeiro canal estatal, a CXB, canal 5. Neste momento, haviam três emissoras privadas em operação. A programação das emissoras comerciais era constituída principalmente de produções estrangeiras, notadamente dos Estados Unidos, Brasil e Argentina. Uma das preocupações do Canal 5 era a produção de programas voltados para cultura nacional e regional do Uruguai. No final da década de 1970 e início da seguinte a televisão uruguaia teve uma expansão e um desenvolvimento tecnológico considerável. Até o final da década de 1990, o setor televisivo convivia com emissoras privadas, cujos proprietários continuavam os mesmos, e a emissora estatal, apesar da supremacia do modelo comercial (AMAYA; CALCAGNO, 2000, p. 177-95).

A singularidade do caso Chileno na América Latina se deve ao fato de a televisão ter sido pensada em seu início como serviço público, não de governo e nem privado. A legislação chilena ligada ao setor televisivo não se mostrava atrativa para a iniciativa privada, notadamente por altos impostos e pela proibição de publicidades em alguns momentos de sua história. Sendo assim, os primeiros canais televisivos estavam ligados a universidades como a Pontifícia Universidade Católica, Universidade do Chile e a Universidade Católica de Valparaíso. A partir de 1969, as emissoras universitárias passariam a concorrer com um canal de caráter governamental, a Televisão Nacional do Chile (TVN). Após o golpe militar de 1973, a autonomia e o controle público de canais televisivos foram anulados. Na década de 1990, são permitidas concessões a empresas particulares, entretanto os canais mais assistidos continuariam sendo os da UC-TV, canal da Universidade do Chile, seguido pela TVN (ZOLEZZY; CASTELÓN; ARAOS, 2000, p. 119-46).

Independente do modelo televisivo hegemônico em cada país, a função social da televisão e seu papel educativo sempre foram discutidos. Quando a televisão ganhou, depois da

Segunda Guerra Mundial, o tremendo ímpeto que só a faria crescer indefinidamente, os países em que sua irrupção se fez sentir em primeiro lugar viram-se diante de um problema. Preocupavam-se com quais efeitos o novo meio iria ter sobre as pessoas, principalmente sobre os jovens. Livros publicados na época, em lugares como os Estados Unidos e Grã-Bretanha, assim como jornais e revistas, refletiam as preocupações diante do novo meio de comunicação social. As famílias se desassossegavam vendo as crianças da casa pregadas à televisão. Colégios soavam os alarmes diante dos deveres que ficavam por fazer. Não faltaram profetas que previam, com a televisão, o fim do hábito da leitura, o fim da cultura.

Entretanto, com o passar o tempo, o que se viu foi a televisão cumprindo, ainda que com ressalvas, um papel educacional e cultural, em países onde o modelo comercial foi preponderante, como nos EUA, em localidades onde foram adotados o sistema público, como Grã-Bretanha e França, ou em que optaram por um modelo de governo, como a União Soviética. Na França haviam transmissões diárias que ocupavam horas com programas exclusivamente educativos, dirigidos às escolas do país, com uma produção considerada primorosa. Os professores, a princípio, reagiam à ideia, temerosos de que as aulas pela televisão obliterassem a figura do mestre. Mas, na concepção francesa de educação pela televisão, o professor continuaria indispensável, pois ele completaria e iluminaria os programas, que, por sua vez eram um recurso didático antes impensável para as escolas.

Na Grã-Bretanha logo a educação entrou em circuito fechado de TV, com um canal exclusivo dirigido a colégios e universidades. Os aparelhos televisivos receberiam um canal extra, correspondente à televisão educativa, e vários programas poderiam ser transmitidos simultaneamente. Esta iniciativa era um passo adiante dos programas educativos que já eram transmitidos regularmente pela BBC e pelas emissoras independentes de televisão.

Esses exemplos, entre outros, serviriam de referência para vários países, como os da América Latina. No Brasil e no México, os jornais e revistas se ocuparam em apresentá-los, suscitando debates sobre a função social da TV e seu papel educativo.

Uma distinção importante a ser feita é que na França, Inglaterra, Alemanha, entre outros, a educação pela televisão se apresentou com uma função complementar, pois quase todas as crianças em idade escolar e quase todos os jovens nos diversos estágios de formação educacional já encontravam oportunidades dentro da escola. Em outros países, como os da

América Latina, a educação pela televisão se apresentou como possibilitadora de exercer função substitutiva, constituindo-se num elemento de expansão da rede escolar, multiplicadora das oportunidades de aprendizado e veículo de formação social.

No início da década de 1970, os sistemas de ensino vigentes na América Latina evidenciavam a incapacidade de atender toda sua população no nível mínimo de instrução. A distribuição desigual de oportunidades refletia na estratificação social, pois quase metade da população latino-americana empregada não tinha acesso à educação. O desejo e o esforço para identificar formas de educar as camadas sociais marginalizadas exigiam uma ótica diferente. A população crescia na América Latina à taxas mais altas do mundo. O índice de deserção escolar situava-se em torno de 54%. A porcentagem de analfabetismo caíra, entre 1950 e 1960, de 41% para 33%, mas o número dos que não sabiam ler passaria de 35,3 milhões para 37,6 milhões, que era a população à margem do consumo tanto de livros como de artigos de primeira necessidade (JORNAL DO BRASIL, 1968, p. 20).

A Bolívia possuía uma das taxas de analfabetismo mais altas, chegando a 66% da população. O Chile uma das mais baixas, com cerca de 12%. No México, segundo o censo de 1970, da população de 10 anos ou mais, 23% era analfabeta, e da de 6 anos ou mais, 34% sofria do mesmo problema (JIMENEZ-OTTALENGO, 1976, p. 611). No final da década de 1960, o Brasil possuía cerca de 20 milhões de analfabetos adultos e vastas áreas ainda não atingidas sequer pela educação primária. Nesta, 40% dos professores não possuem diplomas (O CRUZEIRO, 1969, p. 118-9).

Diante desse quadro educacional, as potencialidades da televisão se apresentavam como possibilitadoras de serem usadas para mensagens educativas e culturais, facilitada pela conversa informal entre telespectador e TV. No entanto, conforme abordamos acima, a dificuldade residiria em conciliar métodos pedagógicos com a linguagem veloz e complexa da televisão. A ideia de aulas televisionadas seriam pouco atrativas. Para se chegar a bons resultados seria necessário usar a linguagem própria do veículo de comunicação, assim servindo de grande utilidade social. Entretanto, a televisão educativa não deveria parecer uma enfermagem de emergência improvisada em escola, cabendo a função de dar conta de suprir as carências do sistema educacional, e, em alguns casos, ao mesmo tempo, de corrigir os caminhos tomados pelas emissoras comerciais (JORNAL DO BRASIL, 1976, p. 55).

A televisão apresentava-se para os países latino-americanos como o meio de comunicação com maior potencial para estimular e desenvolver social e culturalmente os cidadãos. Através da televisão seria possível colocar, ao alcance de todos, o melhor da arte e dos conhecimentos criados até então. Na América Latina a televisão pode atuar inclusive como um fator de união entre as pessoas. Um ponto de encontro e possível consenso entre as diversidades. Notadamente em países com dimensões continentais e com carências educacionais, o que torna a formação de um sentimento nacional ainda mais complexa. A televisão possibilitaria o encontro entre regionalismos e poderia sintetizar características nacionais, assumindo um papel de integração nacional. Segundo o escritor mexicano Otávio Paz, a televisão tornaria possível o diálogo social, que viria a ser estabelecido entre as diferentes culturas nacionais (O GLOBO, 1979, p. 29).

Na maioria dos países latino-americanos a televisão se apresentava como teatro, cinema e entretenimento da maioria da população, podendo funcionar até como escola. Segundo pesquisa de 1972, a televisão tinha o peso de 70% entre os fatores de formação social dos brasileiros (O GLOBO, 1972, p. 13). Entretanto, nem todos os países da América Latina tinham condições, em função de um desenvolvimento mais modesto da televisão, de fazer uso deste meio como uma ferramenta para sanar a fragilidade de seus sistemas educacionais, como Bolívia, Costa Rica, Equador e Paraguai.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AMAYA, Martín; CALCAGNO, Juan Manoel. A televisão no Uruguai – TV empresarial e escassa produção nacional. In: REIMÃO, Sandra (Org.). *Televisão na América Latina: 7 estudos*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

BACCIN, Crisitna. A televisão aberta na Argentina: uma distribuição desigual e uma programação metropolitana. In: REIMÃO, Sandra (Org.). *Televisão na América Latina: 7 estudos*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

BARROS FILHO, Eduardo Amando de. *Por uma televisão cultural-educativa e pública: a TV Cultura de São Paulo, 1960-1974*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

CIFUENTES, Diego Portales. Televisão pública na América Latina: crises e oportunidades. In: RINCÓN, Omar (Org.). *TV Pública: do consumidor ao cidadão*. São Paulo: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2002.

DORELLA, Priscila Ribeiro. *Octavio Paz: estratégias de reconhecimento, polêmicas políticas e debates midiáticos no México*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

ELENES, Laura Márques. México em tempos de televisão. In: REIMÃO, Sandra (Org.). *Televisão na América Latina: 7 estudos*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

ESPINO, Efraín Pérez. El monopolio de la televisión comercial em México (El caso Televisa). *Revista Mexicana de Sociología*. v. 41, n. 4, p. 1435-1468, 1979.

INTERVOZES. *Sistemas públicos de comunicação no mundo: experiência de doze países e o caso brasileiro*. São Paulo: Paulus, 2009.

JEANNENEY, Jean-Noël. *Uma história da comunicação social*. Lisboa: Terramar, 1996.

JIMENEZ-OTTALENGO, Regina. El perfil de los medios de difusión masiva em México. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 38, n. 3, p. 609-625, 1976.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, período 01/1964 – 12/1981.

LEAL FILHO, Laurindo. *Atrás das câmeras: relações entre cultura, Estado e televisão*. São Paulo: Summus, 1988.

\_\_\_\_\_. *A melhor televisão do mundo: o modelo britânico de televisão*. São Paulo: Summus, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, período 01/1950-12/1974.

O GLOBO, Rio de Janeiro, período 01/1964 – 12/1981.

REIMÃO, Sandra (Org.). *Televisão na América Latina: 7 estudos*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

RINCÓN, Omar. A televisão: uma das poucas coisas que unem a Colômbia. In: REIMÃO, Sandra (Org.). *Televisão na América Latina: 7 estudos*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_(Org.). *TV Pública: do consumidor ao cidadão*. São Paulo: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2002.

SILVA, Sinvaldo Pereira da. Sistema público de comunicação do Canadá. In: INTERVOZES. *Sistemas públicos de comunicação no mundo: experiência de doze países e o caso brasileiro*. São Paulo: Paulus, 2009.

VALENTE, Jonas. Sistema público de comunicação da Alemanha. In: INTERVOZES. *Sistemas públicos de comunicação no mundo: experiência de doze países e o caso brasileiro*. São Paulo: Paulus, 2009.

\_\_\_\_\_. Sistema público de comunicação da França. In: INTERVOZES. *Sistemas públicos de comunicação no mundo: experiência de doze países e o caso brasileiro*. São Paulo: Paulus, 2009.

VILLANUEVA, Erick Torrico; MILLER, Karina Herrera Miller; Sardón, Esperanza Pinto Sardón. Trinta anos de televisão na Bolívia. In: REIMÃO, Sandra (Org.). *Televisão na América Latina: 7 estudos*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

ZOLEZZY, Pía; CASTELÓN, Lúcia; ARAOS, Carlos. A televisão no Chile – um panorama. In: REIMÃO, Sandra (Org.). *Televisão na América Latina: 7 estudos*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000.